

A cia. do terror



Por **OSNAN SILVA DE SOUZA***

A naturalização midiática da ingerência estrangeira é o silencioso aval a um roteiro de terror já conhecido, que troca a soberania dos povos pelos interesses do império

1.

Em 2005, Marion Gordon Robertson — conhecido pastor evangélico e homem “de fé cristã e americana inabalável” —, no seu programa de TV *The 700 Club*, conclamava os serviços secretos de seu país a uma ação mais enérgica no sentido de “restaurar a ordem na Venezuela”, liquidando fisicamente Hugo Chávez, a quem ele descrevia como um “perigo terrível”: “Nós temos a habilidade de tirá-lo do poder, e eu acho que chegou a hora de fazer uso dessa habilidade (...). É muito mais fácil que agentes infiltrados façam o [trabalho](#)”.

À época, o governo Bush apontou o conselho como algo apenas inapropriado: “ou seja, certas coisas são feitas quando necessário, mas não proclamadas publicamente”. A inquietação escancarada de Pat Robertson evidencia uma tradição da política externa estadunidense e de sua máquina de terror. São palavras do eminente filósofo liberal Alexis de Tocqueville: “não tenho visto sem preocupação esse espírito de conquista, e até de roubo, que se manifesta entre vocês [americanos] há alguns anos”.

Como bem lembra Domenico Losurdo em *A Linguagem do Império*, foram inúmeras as tentativas de assassinato de Fidel Castro executadas pela CIA. Entre os anos 1950 e 1960, foram elaborados planos concretos para neutralizar ou eliminar fisicamente Stalin, Arbenz, Lumumba, Sukarno, etc. Os dirigentes da CIA sempre partiram do pressuposto de que qualquer meio é legítimo quando se trata de livrar-se dos “cães loucos”.

Essas ações sempre contaram com uma cobertura de conivência e legitimação dos mais variados veículos da imprensa ocidental. Há algumas décadas, o *International Herald Tribune* anunciava com grande satisfação: “a CIA destinou enormes somas para encontrar um general ou coronel para colocar uma bala no cérebro de Saddam”. Durante as eleições de 2000 na Iugoslávia, a imprensa norte-americana anunciava com regozijo as dificuldades que Milosevic enfrentava para realizar a campanha eleitoral: “receoso de ser assassinado, o presidente de 58 anos raramente aparece em público e apenas para pronunciar na frente de seus seguidores discursos curtos sobre os males do fascismo”.

Nos últimos dias, Donald Trump direcionou a máquina de guerra e terror do império para a América Latina, e o alvo principal é justamente a Venezuela, o país com as maiores reservas de ouro, gás e petróleo do mundo — com 302,3 bilhões de barris. Nesse cenário, a grande imprensa brasileira tem anunciado, sem indulgências, o Terror (mas não espere pela utilização de tal categoria) norte-americano: “Trump autoriza ação secreta da CIA na Venezuela para derrubar Maduro”.

São esses os termos que tomam conta da capa do jornal *Folha de São Paulo*, no dia 16 de agosto, que acrescenta: “ações letais, bombardeios, ataques aéreos e em terra e captura do ditador são avaliados”. O *Estadão* navegou nas mesmas águas:

“Trump infiltra a CIA e cogita ataque por terra na Venezuela. Presidente americano confirma ter autorizado ações [secretas](#)”. A banalização por parte da imprensa diante das agressões desferidas pelos EUA contra a Venezuela fez com que o *Brasil 247* encabeçasse no título de uma análise: “Mídia brasileira naturaliza ação da CIA contra um país vizinho da América do Sul”.

Mais: “tratamento complacente e acrítico de *Folha*, *Valor* e jornal *Estado de S. Paulo* legitima a incursão norte-americana sob o pretexto de derrubar ditadura”. Tratar-se-ia, com efeito, de uma “velha submissão ideológica da imprensa brasileira à hegemonia dos Estados Unidos”, isto é, “um padrão histórico de colonialismo [informativo](#)”.

2.

Essa “submissão ideológica” ou esse “colonialismo informativo” podem ser verificados nos estúdios da *Globonews*. Aqui, a jornalista Ana Flor critica a nota do Partido dos Trabalhadores (PT), que denunciou como “uma iniciativa inaceitável e deplorável”, além de uma “afronta à soberania do país sul-americano e uma violação do Direito Internacional”, as “declarações do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em que autoriza operações secretas da CIA no território da Venezuela”.

Para a jornalista, a reação do partido deu-se num “momento errado” e “não ajuda na relação que Mauro Vieira quer construir [com os EUA]”. Flor recebe o apoio analítico de Malu Gaspar e Natuza Nery, que, além da nota, criticam também o discurso do presidente Lula da Silva, que, durante o congresso do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), foi enfático: “o que nós defendemos é que o povo venezuelano é dono do seu destino, e não é nenhum presidente de outro país que tem que dar palpite de como vai ser a Venezuela ou vai ser [Cuba](#)”.

Para Nery — assim como para as duas outras jornalistas —, deveria haver uma data especial para um chefe de Estado se opor a uma agressão externa a um país vizinho e enfatizar o respeito à soberania popular: “acho que no dia de hoje a nota [do PT] e essa declaração [do presidente] ... me parece um erro estratégico”. Nas análises dessas jornalistas, por estar na mesa de negociação com os EUA (discutindo as tarifas impostas — outra agressão injustificada), o Brasil deveria manter-se em silêncio perante as tentativas de Trump de derrubar o governo Maduro.

A voz dissonante ecoa no mesmo estúdio por meio das palavras de Octávio Guedes: “uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa (...). Vamos e voltamos: é um absurdo mesmo um país admitir que está utilizando o seu serviço secreto para derrubar um presidente”.

Se as três jornalistas da *Globonews* veem o posicionamento do Presidente da República e do seu partido como “inadequado” para o momento, a preocupação de Lourival Sant’Anna, um conhecido analista da CNN Brasil, se concentra no “excesso de transparência” do dirigente do império: “quando um presidente anuncia que o seu serviço secreto está executando uma operação, ela perde muito o seu caráter profissional e técnico.

Agora os serviços de contrainteligência venezuelanos estão vasculhando cada centímetro da Venezuela. Isso [o anúncio feito por Trump] não ajuda a oposição venezuelana nem a própria [operação](#)”. Trata-se de uma análise que compactua com a cobertura da imprensa no Brasil, que reproduz a linguagem do império ao noticiar: “EUA fazem novo ataque a barco suspeito de tráfico de drogas perto da costa da [Venezuela](#)” ...

3.

O júbilo – do qual fala Losurdo – com o qual a imprensa norte-americana e europeia se expressa para se referir às tentativas de assassinato de Saddam e Milosevic é o mesmo que verificamos em Demétrio Magnoli. Com sorriso no rosto (e também no *Estúdio i* da *Globonews*), o jornalista e sociólogo anuncia “a volta da diplomacia das canhoneiras; aquilo que Theodore Roosevelt se notabilizou por fazer na América Central no começo do século XX (...) A ideia é desestabilizar o governo venezuelano sem a necessidade de uma invasão terrestre”.

Podemos notar a satisfação também em seus olhos: “Maduro, que falava pela televisão sempre no palácio de Miraflores, o palácio presidencial, parou de usar o palácio. Ele está falando a cada vez num hotel diferente de Caracas. Maduro parou de ir a eventos públicos só com os seus auxiliares do governo; ele vai a eventos públicos cercado por algumas dezenas de civis de seu partido, usando-os, claro, como escudos humanos, porque ele teme ações pontuais dos EUA em [terra](#)”.

Magnoli é quem, nas dependências da *Globonews*, eleva a crítica ao discurso do presidente Lula da Silva a outro patamar. Se as três jornalistas concordam com a ideia de um “momento errado”, o sociólogo pondera que, embora Lula tenha razão em criticar a “interferência militar dos EUA na América do Sul”, o “problema foi a continuação da fala dele. Lula defendeu a ‘soberania popular’ da Venezuela e Cuba, mas não há soberania popular em ditaduras”.

Para Magnoli, só há soberania em democracias liberais do Ocidente – ou talvez nas ditaduras aliadas. Ora! Se as palavras utilizadas pelo Presidente da República – “o povo venezuelano é dono do seu destino, e não é nenhum presidente de outro país que tem que dar palpite de como vai ser a Venezuela” – para se opor ao imperialismo estadunidense não têm validade, a CIA está autorizada – não apenas por Trump, mas pela moral e pela lógica – a estender as execuções extrajudiciais, que têm como alvo indivíduos desconhecidos em embarcações no Caribe, para o território venezuelano e liquidar Maduro.

4.

A essa altura do campeonato, os mais entusiastas defensores da liberdade e da democracia – os grandes campeões dos direitos humanos – sabem que não podem fazer nenhuma reflexão séria sem ter no horizonte os golpes de Estado orquestrados pelos EUA, as narrativas mentirosas para invadir outras nações, o seu interesse nos recursos naturais alheios, o fracasso de suas operações e o horror e o sofrimento humano causados a inúmeros povos.

No entanto, a insistência enfadonha em categorias como terrorismo, autocracia, “regime” e ditadura permite que veículos da grande imprensa tentem legitimar ou minimizar as agressões estadunidenses e as suas consequências. Podemos encerrar com uma passagem de um artigo de Valério Arcary no site **A Terra é Redonda**: “a Venezuela resiste não apenas a sanções, mas a uma narrativa que ignora sua soberania. O que se vê em Caracas é um povo que, mesmo exausto, mantém viva uma consciência política rara — e que o cerco midiático não deixa [transparecer](#)”.

***Osnan Silva de Souza** é doutorando em história pela Unicamp.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)